

*Os sete
maridos
de
Evelyn Hugo*

TAYLOR JENKINS REID

Os sete
maridos
de
Evelyn Hugo

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

9 7 8 5 1 0

Copyright © 2017 by Rabbit Reid, Inc.

Todos os direitos reservados, incluindo direitos de reprodução parcial ou total, em qualquer formato.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz s.a.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Seven Husbands of Evelyn Hugo

CAPA Joana Figueiredo

FOTO DE CAPA Inara Prusakova/ Shutterstock

PREPARAÇÃO Fábio Bonillo

REVISÃO Adriana Bairrada, Jane Pessoa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reid, Taylor Jenkins

Os sete maridos de Evelyn Hugo / Taylor Jenkins Reid ;
tradução Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela,
2019.

Título original: The Seven Husbands of Evelyn Hugo.

ISBN 978-85-8439-150-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

19-29277

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

Para Lilah
Destrua o patriarcado, querida

NEW YORK TRIBUNE

Evelyn Hugo leiloa vestidos

Por Priya Amrit

2 DE MARÇO DE 2017

A lenda do cinema e sensação dos anos 1960 Evelyn Hugo acaba de anunciar que vai leiloar doze de seus mais memoráveis vestidos na Christie's a fim de arrecadar fundos para pesquisas de combate ao câncer de mama.

Aos setenta e nove anos, Hugo é considerada há décadas uma personificação do glamour e da elegância. Conhecida pelo estilo ao mesmo tempo sensual e recatado, muito de seus looks mais famosos são vistos como ícones da moda e da história de Hollywood.

Os interessados em adquirir uma parte da história de Hugo têm como atrativo não apenas os vestidos em si, mas também o contexto em que foram usados. Entre as peças leiloadas estão o Miranda La Conda verde-esmeralda que Hugo usou na cerimônia do Oscar de 1959, o vestido suflê em organdi com gola canoa com que compareceu à estreia de *Anna Kariênina* em 1962, e o Michael Maddax em seda azul-marinho que ela vestia em 1982 quando ganhou o prêmio da Academia por sua atuação em *Tudo por nós*.

Hugo se notabilizou por seus escândalos em Hollywood, entre eles seus sete casamentos, nos quais se inclui um relacionamento de longa data com o produtor cinematográfico Harry Cameron. O célebre casal hollywoodiano tinha uma filha, Connor Cameron, que sem dúvida é a maior influência por trás da iniciativa do leilão. A srta. Cameron faleceu no ano passado, vítima de câncer de mama, pouco depois de completar quarenta e um anos.

Evelyn Elena Herrera nasceu em 1938, filha de imigrantes cubanos, e foi criada no distrito de Hell's Kitchen, em Nova York. Em 1955, foi para Hollywood, tingiu os cabelos de loiro e adotou o nome artístico Evelyn Hugo. Quase da noite para o dia, tornou-se membro da elite da indústria cinematográfica. Hugo permaneceu sob os holofotes por mais de três décadas, até se aposentar, no final dos anos 1980, e se casar com o executivo do mercado financeiro Robert Jamison, irmão mais velho da atriz Celia St. James, ganhadora de três Oscars. Hoje viúva do sétimo marido, Hugo vive em Manhattan.

Dona de uma beleza quase sobrenatural e sinônimo de glamour e sensualidade, Hugo é uma figura histórica do cinema, que desperta fascínio em cinéfilos do mundo inteiro. Espera-se que o valor de arrecadação do leilão ultrapasse os 2 milhões de dólares.

“Vamos até a minha sala um minutinho?”

Olho para as mesas ao redor e depois de novo para Frankie, para tentar saber com quem exatamente ela está falando. Em seguida aponto o dedo para mim mesma. “É comigo?”

Frankie não é lá muito paciente. “Sim, Monique, é com você. Foi por isso que eu disse: ‘Monique, vamos até a minha sala um minutinho?’.”

“Desculpa, é que eu só ouvi a última parte.”

Frankie se vira e sai andando. Pego meu caderno e vou atrás.

Há qualquer coisa em Frankie que chama a atenção. Não sei se dá para dizer que se trata de uma mulher atraente no sentido tradicional da palavra — suas feições são severas, os olhos muito separados —, mas é uma pessoa impossível de não olhar e admirar. Com sua silhueta magra, seu um metro e oitenta, seu cabelo afro bem aparado e seu gosto por cores vivas e joias grandes, quando Frankie aparece, todo mundo repara.

Ela foi um dos motivos para eu aceitar meu emprego. Já era uma admiradora sua desde a época da faculdade de jornalismo, quando lia suas matérias na revista que hoje ela dirige e para a qual eu trabalho. E, para ser bem sincera, é bastante inspirador ver uma mulher negra na chefia. Como eu mesma sou birracial — a pele morena e os olhos escuros puxei do meu pai, que é negro, e as sardas herdei da minha mãe, que é branca —, a presença de Frankie me faz acreditar que algum dia posso chegar a um alto cargo também.

“Pode sentar”, Frankie diz enquanto se acomoda no seu lugar e aponta para uma cadeira laranja do outro lado da mesa de tampo de acrílico.

Eu me sento sem pressa e cruzo as pernas. Deixo que ela fale primeiro.

“Então, tivemos uma reviravolta inesperada”, ela anuncia, olhando para o computador. “A assessoria da Evelyn Hugo veio nos sondar. Ofereceram uma entrevista exclusiva.”

Meu primeiro instinto é dizer *Putá merda*, mas também *Por que você está me contando isso?* “Sobre algum assunto específico?”, pergunto.

“Aposto que tem a ver com o leilão de vestidos que ela vai fazer”, diz Frankie. “Pelo que sei, ela está empenhada em arrecadar a maior soma possível para a Fundação Americana do Câncer de Mama.”

“Mas a assessoria não confirmou isso?”

Frankie faz que não com a cabeça. “Eles só confirmaram que Evelyn está disposta a falar.”

Evelyn Hugo é uma das maiores estrelas de cinema de todos os tempos. Mesmo se *não* estiver disposta a falar, as pessoas querem ouvir.

“Pode ser uma tremenda capa para a gente, né? Afinal, a mulher é uma lenda viva. Não foi ela que casou oito vezes ou coisa do tipo?”

“Sete”, diz Frankie. “E sim. O potencial é gigantesco. E é por isso que espero que você me ajude na parte que vou explicar agora.”

“Como assim?”

Frankie respira fundo e me olha de um jeito que me faz pensar que estou prestes a ser demitida. Mas aí ela diz: “Evelyn pediu para falar especificamente com você”.

“Comigo?” É a segunda vez em cinco minutos que fico surpresa por alguém demonstrar interesse em falar comigo. Preciso trabalhar melhor a questão da confiança. Por enquanto basta dizer que minha autoestima sofreu um tremendo baque há bem pouco tempo. Mas também não posso fingir que alguma vez já estive nas alturas.

“Sendo bem sincera, foi essa a minha reação também”, diz Frankie.

Agora é a *minha* vez de ser sincera: esse comentário me deixou um pouco ofendida. Mas dá para entender por que ela falou isso, claro. Eu trabalho na *Vivant* há menos de um ano, e na maior parte do tempo escrevendo conteúdo patrocinado. Antes disso, eu alimentava o *Discourse*, um site de notícias e cultura que se define como revista mas na prática é um blog com manchetes chamativas. Eu escrevia principalmente para uma seção chamada “Vida Moderna”, cobrindo atualidades e fazendo artigos de opinião.

Depois de anos como freelancer, esse trabalho no *Discourse* foi a minha salvação. Mas, quando a *Vivant* me ofereceu um emprego, não dava para deixar passar. Agarrei a oportunidade de fazer parte de um veículo que é uma verdadeira instituição, de trabalhar com lendas do jornalismo.

No meu primeiro dia, passei por paredes decoradas com capas icônicas, de inegável importância cultural — uma com a ativista feminista Debbie Palmer nua, numa pose cuidadosamente estudada, no alto de um arranha-céu em Manhattan em 1984; outra com o artista Robert Turner pintando um quadro com uma manchete que revelava que ele tinha aids, em 1991. Era uma sensação surreal fazer parte do mundo da *Vivant*. Sempre quis ver meu nome naquelas páginas de papel brilhante.

Infelizmente, porém, nas últimas doze edições, meu trabalho vem se resumindo a fazer perguntas antiquadas para gente velha e endinheirada, enquanto meus ex-colegas de *Discourse* estão tentando mudar o mundo com

textos virais. Portanto, sendo bem direta, não estou muito orgulhosa de mim mesma.

“Olha, não é que a gente não goste de você”, diz Frankie. “Achamos que você tem futuro na *Vivant*, mas eu estava pensando em atribuir uma matéria como essa a uma pessoa mais experiente e tarimbada. Por isso eu quero deixar bem claro que nós não sugerimos o seu nome para a assessoria da Evelyn. Mandamos uma lista de cinco nomes de peso, mas eles responderam assim.”

Frankie vira o computador para mim e me mostra um e-mail de um homem chamado Thomas Welch, que suponho que seja o assessor de imprensa de Evelyn Hugo.

De: Thomas Welch

Para: Troupe, Frankie

Cc: Stamey, Jason; Powers, Ryan

Tem que ser Monique Grant ou a Evelyn está fora.

Olho de novo para Frankie, atordoada. E, para ser sincera, um tanto maravilhada por Evelyn Hugo ter vontade de fazer alguma coisa comigo.

“Você por acaso *conhece* Evelyn Hugo? O que está acontecendo afinal?”, Frankie me pergunta, virando o computador de volta para seu lado da mesa.

“Não”, respondo, surpresa inclusive com a pergunta. “Já vi alguns filmes dela, mas não são exatamente do meu tempo.”

“Você tem alguma relação pessoal com ela?”

Faço que não com a cabeça. “Absolutamente nenhuma.”

“Você não é de Los Angeles?”

“Sim, mas a única ligação que posso ter com Evelyn Hugo é se meu pai tiver trabalhado em algum filme dela na época. Ele era fotógrafo de cena. Posso perguntar para minha mãe, se for o caso.”

“Legal. Obrigada.” Frankie fica me olhando com uma cara de expectativa.

“Você quer que eu pergunte agora?”

“Pode ser?”

Tiro meu celular do bolso e mando uma mensagem para minha mãe: *O papai trabalhou em algum filme da Evelyn Hugo?*

Vejo os três pontinhos aparecerem e, quando levanto os olhos, percebo que Frankie está tentando espiar minha tela. Ela parece sacar que está sendo invasiva e se inclina para trás.

Meu telefone apita.

Minha mãe responde: *Talvez. Foram tantos filmes que fica difícil lembrar. Por quê?*

É uma longa história, respondo, mas estou tentando descobrir se tenho algum tipo de ligação com Evelyn Hugo. Você acha que o papai a conhecia?

Minha mãe responde: *Ha! Não. Seu pai nunca se envolvia com os famosos no set de filmagem. Por mais que eu pedisse que ele arrumasse uns amigos celebridades para a gente.*

Eu dou risada. “Pelo jeito não. Não tenho nenhuma ligação com Evelyn Hugo.”

Frankie assente com a cabeça. “Certo. Bom, então a outra teoria é que o pessoal dela escolheu alguém com menos calibre para poder controlar você e, por tabela, a história que vai ser contada.”

Sinto meu celular vibrar de novo. *Bem lembrado, preciso te enviar uma caixa com uns trabalhos antigos do seu pai. Umas coisas lindas. Gosto de ter tudo por aqui, mas acho que você vai saber apreciar melhor. Mando ainda esta semana.*

“Você acha que eles estão procurando uma presa fácil”, digo para Frankie.

Ela abre um sorrisinho. “Tipo isso.”

“Então a assessoria da Evelyn deu uma olhada no expediente da revista, viu meu nome entre o pessoal do baixo escalão e acha que pode me manipular. É essa a ideia?”

“É esse o meu medo.”

“E você está me dizendo isso porque...”

Frankie mede bem as palavras. “Porque não acho que eles consigam manipular você. Estão subestimando a sua capacidade. E eu quero essa capa. Quero essa visibilidade.”

“O que você está me dizendo, exatamente?”, pergunto, me mexendo de leve na cadeira.

Frankie bate as mãos na mesa e se inclina na minha direção. “Estou pedindo para você ir criando coragem para encarar um tête-à-tête com Evelyn Hugo.”

De todas as coisas que pensei que pudessem me pedir hoje, essa deve ser a milionésima nona da lista. Se eu tenho coragem de ficar cara a cara com Evelyn Hugo? Não faço ideia.

“Sim”, respondo por fim.

“Só isso? Um sim e pronto?”

Eu quero essa oportunidade. Quero escrever essa matéria. Estou cansada de ficar na base da pirâmide alimentar. E preciso me dar bem alguma vez na vida, ora essa. “Hã, sim, porra?”

Frankie balança a cabeça, pensativa. “Assim é melhor, mas ainda não estou convencida.”

Tenho trinta e cinco anos de idade. Sou jornalista há mais de uma década. Quero escrever um livro algum dia. Quero propor minhas próprias

pautas. Quero ser o primeiro nome que lembram quando alguém como Evelyn Hugo entra em contato. E estou sendo subutilizada aqui na *Vivant*. Para chegar aonde quero, alguma coisa precisa acontecer. Alguém vai ter que sair do meu caminho. E precisa acontecer depressa, porque a porcaria da minha carreira é a única coisa que me resta. Se eu quero que as coisas mudem, tenho que mudar a maneira como faço as coisas. E provavelmente de uma forma bem drástica.

“Evelyn quer falar comigo”, digo. “Você quer Evelyn na revista. Não me parece necessário ter que te convencer de nada, Frankie. Pelo jeito é *você* que precisa me convencer.”

Frankie fica em silêncio, me encarando com os dedos apoiados na mesa. Eu estava tentando causar um impacto positivo. Mas posso ter exagerado na dose.

Foi a mesma coisa quando comecei a fazer musculação e fui logo pegando os halteres de vinte quilos. Querer dar um passo maior que a perna é um sinal claro de que a pessoa não sabe o que está fazendo.

Preciso me esforçar ao máximo para não retirar o que disse e começar a pedir mil desculpas. Minha mãe me ensinou a ser educada, a ser contida. Sempre me guiei pelo princípio de que a subserviência é um requisito da civilidade. Mas esse tipo de postura não me levou muito longe. O mundo prefere respeitar as pessoas que querem dominá-lo. Nunca entendi isso, mas cansei de nadar contra a corrente. Estou aqui para assumir o lugar de Frankie algum dia, talvez até um cargo mais alto que o dela. Realizar trabalhos importantes, que me deem orgulho. Deixar minha marca. Ainda não cheguei nem perto disso.

O silêncio se prolonga tanto que me sinto prestes a capitular. A tensão cresce a cada segundo. Mas é Frankie quem se manifesta primeiro.

“Muito bem”, ela diz, estendendo a mão e ficando de pé.

Uma mistura de choque e orgulho intenso me domina quando a cumprimento. Faço questão de que meu aperto de mão seja bem firme. A mão de Frankie parece uma prensa.

“Arrasa, Monique. Pela revista e por você, por favor.”

“Pode deixar.”

Nós nos afastamos e eu me viro para sair. “Ela pode ter lido sua matéria sobre suicídio assistido para o *Discourse*”, Frankie comenta quando chego à porta.

“Quê?”

“Foi muito impressionante. Talvez seja por isso que ela queira falar com você. Foi assim que te descobrimos. A matéria é ótima. Não só pela quantidade de cliques que atraiu, mas por sua causa, pelo belo trabalho que você fez.”

Essa foi uma das primeiras matérias relevantes que fiz por iniciativa própria. Sugeri a pauta depois que me fizeram escrever sobre a popularidade cada vez maior dos microvegetais, sobretudo nos restaurantes do Brooklyn. Fui à feira do Park Slope para entrevistar um produtor local, mas, quando confessei que não via a menor graça nas folhas de mostarda, ele me falou que eu parecia a irmã dele, que era uma carnívora convicta até o ano anterior, quando tinha adotado uma dieta vegana e totalmente orgânica enquanto lutava contra um tumor no cérebro.

Conversando um pouco mais, ele me falou sobre um grupo de apoio ao suicídio assistido de que sua irmã fazia parte, e que servia tanto para quem queria encerrar a própria vida como para ajudar seus familiares. Havia um monte de gente no grupo lutando pelo direito de morrer com dignidade. A alimentação saudável não ia salvar a vida da irmã dele, e ninguém queria que ela sofresse além da conta.

Nesse momento senti que queria muito, muito mesmo, dar voz às pessoas que faziam parte desse grupo de apoio.

Voltei para a redação do *Discourse* e sugeri a pauta. Imaginei que seria recusada, porque antes disso só vinha escrevendo sobre as últimas tendências entre os hipsters e artigos de opinião sobre o comportamento de celebridades. Mas, para minha surpresa, recebi o sinal verde.

Trabalhei incansavelmente na matéria, comparecendo a reuniões em porões de igrejas, entrevistando membros do grupo, escrevendo e reescrevendo até achar que tinha um texto que desse conta de toda a complexidade do ato de ajudar a encerrar a vida de pessoas submetidas a um sofrimento extremo — tanto em termos de compaixão como do dilema moral por parte dos médicos.

É a matéria que mais me orgulho de ter escrito. Mais de uma vez, já cheguei em casa do trabalho e reli esse texto, para lembrar a mim mesma do que sou capaz, e da satisfação de sentir que compartilhei uma verdade, por mais difícil que seja encará-la.

“Obrigada”, digo para Frankie.

“Só estou tentando dizer que você tem talento. O motivo pode ser esse.”

“Mas provavelmente não.”

“Pois é”, ela responde. “Provavelmente não mesmo. Mas, se você escrever essa matéria como se deve, da próxima vez vai ser.”

Evelyn Hugo pronta para abrir o jogo

Por Julia Santos

4 DE MARÇO DE 2017

Dizem por aí que a musa/ LENDA VIVA/ loira mais linda do mundo Evelyn Hugo vai leiloar vestidos e dar uma entrevista, coisa que não faz há décadas.

POR FAVOR me digam que finalmente ela vai falar sobre os benditos maridos (quatro eu até entendo, talvez cinco, seis já é forçar a barra, mas sete? Sete maridos? Isso sem falar que todo mundo sabia que ela teve um caso com o deputado Jack Easton no começo dos anos 80. A mulher não perdia tempo.)

Se ela não quiser discutir sobre os maridos, vamos torcer pelo menos para que diga como fez para conseguir aquelas sobranceiras. POXA, COMPARTILHE SEU TESOURO, EVELYN.

Quando a gente vê fotos da E. no auge, com os cabelos loiros bem dourados, e as sobranceiras escuras com um arco perfeito, a pele morena e os olhos castanho-acobreados, é impossível não parar para ficar admirando.

E isso sem falar no corpo dessa mulher.

Bunda discreta, cintura fina — só aqueles peitões num corpo esguio.

Passei praticamente toda a minha vida adulta tentando ter um corpo como esse. (P.S.: Estou bem longe disso. Pode ser por causa do bucatini que estou comendo no almoço todos os dias esta semana.)

Mas tem outra coisa me dando nos nervos nessa história: Evelyn poderia ter escolhido qualquer uma para essa entrevista. (Hã, que tal eu?) Mas em vez disso vai falar com uma novata qualquer da *Vivant*? Poderia ser quem ela quisesse. (Hã, que tal eu?) Por que essa tal de Monique Grant (e não eu)?

Argh, tudo bem. Só estou amargurada por não ter sido eu.

Seria bom arrumar um emprego na *Vivant*. O pessoal de lá sempre consegue as pautas mais legais.

COMENTÁRIOS:

Hihello565 diz: Nem o pessoal da *Vivant* quer trabalhar na *Vivant* hoje em dia. São um bando de capachos controlados pelo mercado escrevendo matérias censuradas para puxar o saco dos anunciantes.

Ppppppppppppps responde para Hihello565: Sei, tá bom. Alguma coisa me diz que se uma das revistas mais sofisticadas e respeitadas do país te oferecesse um emprego você aceitaria.

EChristine999 diz: A filha da Evelyn não morreu de câncer pouco tempo atrás? Acho que li alguma coisa a respeito. Uma pena. Por falar nisso, e aquela foto da Evelyn ao lado do túmulo do Harry Cameron? Aquilo me deixou arrasada por meses. Uma família linda. Que tristeza ela ter perdido os dois.

MrsJeanineGrambs diz: Não estou NEM AÍ para Evelyn Hugo. PAREM DE ESCREVER SOBRE ESSA GENTE. Os casamentos dela, os casos dela, e a maioria dos filmes dela só dizem uma coisa: piranha. *Três da manhã* é uma vergonha para todas as mulheres. Vamos dar atenção para quem merece.

SexyLexi89 diz: Evelyn Hugo é uma das mulheres mais lindas de todos os tempos. E aquela cena em *Boute-en-Train* em que ela sai nua da água e a cena escurece um momentinho antes de aparecerem os mamilos? É demais.

PennyDriverKLM diz: Todos os elogios do mundo para Evelyn Hugo por transformar o cabelo loiro com sobranalha escura no LOOK PERFEITO. Evelyn, você tem meus parabéns.

YuppiePigs3 diz: Magra demais! Não faz meu tipo.

EvelynHugoWasASaint diz: Essa mulher DOOU MILHÕES DE DÓLARES para instituições que ajudam mulheres que sofrem abuso e para a causa LGBTQ+, e agora está leiloando vestidos para pesquisas de combate ao câncer e você só fala sobre as sobranalhas dela? Sério mesmo?

JuliaSantos@TheSpill responde para EvelynHugoWasASaint: Acho que você tem razão. DESCULPA. Em minha defesa, posso dizer que ela começou a ganhar milhões sendo uma figura fodona do showbiz nos anos 60. E ela nunca teria conseguido fazer isso sem beleza e sem talento, e jamais seria tão linda sem aquelas BENDITAS SOBRANCELHAS. Mas o.k., bem lembrado.

EvelynHugoWasASaint responde para JuliaSantos@TheSpill: Argh. Desculpa por ser tão implicante. Cabulei o almoço hoje. Foi mal. Para ser bem justa, a *Vivant* não vai chegar nem perto da matéria que você faria. Evelyn devia ter escolhido você.

JuliaSantos@TheSpill responde para EvelynHugoWasASaint: Né????? Quem é Monique Grant, aliás? QUE PÉSSIMO. Ela que me aguarde...

Passei os últimos dias pesquisando tudo sobre Evelyn Hugo. Nunca fui muito ligada em cinema, muito menos em estrelas de Hollywood das antigas. Mas a vida de Evelyn — pelo menos a versão registrada até hoje — é suficiente para render umas dez novelas de tv.

Tem um casamento precoce que terminou em divórcio quando ela estava com dezoito anos. Depois a paquera no ambiente do estúdio e o casamento tumultuado com Don Adler, da elite de Hollywood. Os boatos dizem que a separação aconteceu porque ele batia nela. Em seguida veio a retomada, com um filme da nouvelle vague francesa. O casamento às escondidas em Las Vegas com o cantor Mick Riva. O matrimônio cheio de glamour com o estiloso Rex North, que terminou com traições de ambas as partes. A linda história de amor com Harry Cameron e o nascimento da filha Connor. O divórcio arrasador e a união quase às pressas com seu antigo diretor, Max Girard. O suposto caso com o deputado Jack Easton, um homem muito mais jovem, que causou o fim da relação com Girard. E finalmente o enlace com o executivo do mercado financeiro Robert Jamison, que segundo dizem se deveu pelo menos em parte à vontade de Evelyn de irritar sua antiga colega Celia St. James — irmã de Robert. Todos os maridos dela já morreram, portanto Evelyn é a única fonte disponível para falar sobre esses relacionamentos.

Em resumo, vou ter que suar a camisa para conseguir fazê-la falar a respeito de tudo isso.

Depois de trabalhar até tarde na redação, enfim chego em casa, um pouco antes das nove da noite. Meu apartamento é pequeno. Acho que a descrição mais apropriada é *lata de sardinha minúscula*. Mas é incrível o quanto um lugarzinho de nada pode parecer gigante quando metade das suas coisas vai embora.

David saiu de casa há cinco semanas, e ainda não consegui repor as louças que ele levou, nem a mesinha de centro que a mãe dele deu no ano passado como presente de casamento. Meu Deus. Não chegamos nem a comemorar um ano de casados.

Quando entro e ponho a bolsa no sofá, mais uma vez me dou conta de como foi mesquinho da parte dele levar a mesinha embora. O apartamento em que David mora hoje em San Francisco veio todo mobiliado, como par-

te do generoso pacote de transferência que ele ganhou quando foi promovido. Desconfio que tenha colocado a mesa num depósito, junto com um dos criados-mudos que ele dizia ser seu por direito, e todos os nossos livros de receitas. Disso não sinto falta. Eu não cozinho mesmo. Mas, quando as coisas vêm com uma dedicatória escrita “Para Monique e David, com os votos de muitos anos de felicidade”, fica meio claro que são metade minhas também.

Penduro meu casaco e me pergunto, mais uma vez, qual das opções se aproxima mais da verdade: David aceitou o novo emprego e foi para San Francisco *sem mim*? Ou fui eu que me recusei a ir embora de Nova York *por ele*? Enquanto tiro os sapatos, mais uma vez concluo que a verdade está mais próxima de um meio-termo. Porém sempre me vem à cabeça o pensamento que nunca para de doer: *A verdade é que ele foi embora.*

Peço um pad thai para o jantar e entro no chuveiro. Deixo a água quase escaldante. Adoro água quente a ponto de quase queimar. E adoro o cheiro de xampu. O lugar onde me sinto mais feliz é debaixo de uma ducha. É aqui no meio do vapor, coberta de espuma, que consigo não me sentir Monique Grant, a mulher abandonada. Ou Monique Grant, a jornalista com uma carreira empacada. Sou apenas Monique Grant, usuária de produtos de banho de primeira linha.

Depois de lavar a alma, eu me seco, visto uma calça de moletom e penteio o cabelo bem a tempo de o entregador chegar.

Sento no sofá com a embalagem e tento ver tv. Tudo para me distrair. Preciso que o meu cérebro faça alguma coisa, qualquer coisa que não seja pensar no trabalho ou em David. Mas, quando a comida acaba, percebo que é inútil. Então melhor trabalhar.

É uma coisa bem intimidadora — a ideia de entrevistar Evelyn Hugo, a obrigação de conduzir a história que ela vai contar, o cuidado de não deixar que ela me manipule. Em geral tenho a tendência de exagerar nos preparativos. Ou melhor, sempre fui meio como um avestruz, disposta a enterrar a cabeça na areia para não ter que encarar aquilo que não quero.

Então, por três dias seguidos, não faço nada além de pesquisar sobre Evelyn Hugo. Passo os dias lendo matérias antigas sobre seus casamentos e os escândalos em que se envolveu. As noites eu ocupo assistindo a seus filmes.

Separo trechos de sua atuação em *Pôr do sol na Carolina do Norte*, *Anna Kariênina*, *Jade Diamond* e *Tudo por nós*. Vejo tantas vezes o GIF com ela saindo da água em *Boute-en-Train* que quando vou dormir a cena aparece nos meus sonhos.

E começo a me apaixonar por ela um pouco, bem pouquinho, ao ver esses filmes. Entre onze da noite e duas da manhã, enquanto o resto do mun-

do dorme, meu notebook está ligado com imagens dela, e o som da sua voz preenche a minha sala de estar.

Não há como negar que se trata de uma mulher extraordinariamente bela. As pessoas sempre falam de suas sobrancelhas grossas e de formato perfeito, mas não consigo deixar de reparar na estrutura de seu rosto. O maxilar é marcante, os zigomas são pronunciados, e tudo se arranja de forma a apontar para os lábios bem cheios. Os olhos são enormes, mas não tão redondos, com formato mais amendoado. A pele bronzeada em contraste com os cabelos claros lhe dá um ar praieiro, mas também elegante. Sei que não é natural — ter cabelos tão loiros com uma pele tão morena —, mas é impossível não pensar que *deveria* ser assim, que os seres humanos deveriam nascer desse jeito.

Sem dúvida nenhuma essa é parte da razão por que o historiador do cinema Charles Redding uma vez afirmou que o rosto de Evelyn parecia “inevitável. Tão primoroso, tão próximo da perfeição, que olhando para ela temos a sensação de que suas feições, naquela combinação exata, naquela proporção, estavam destinadas a surgir no mundo mais cedo ou mais tarde”.

Abro imagens de Evelyn nos anos 50 usando blusas apertadas e sutiãs pontudos, fotografias publicadas na imprensa ao lado de Don Adler no Sunset Studios depois que os dois se casaram, retratos dela no início dos anos 60 com os cabelos bem compridos e lisos, franja no rosto e usando short curto.

Em uma foto ela está de maiô branco, sentada à beira do mar numa praia cristalina, com um chapéu preto de aba larga cobrindo quase todo o rosto, e os cabelos loiros puxados para o lado esquerdo da cabeça, iluminados pelo sol.

Uma das minhas favoritas é uma imagem em preto e branco capturada na entrega do Globo de Ouro em 1967. Ela aparece sentada na primeira poltrona do corredor, com os cabelos presos no alto da cabeça, mas não totalmente esticados. Evelyn está usando um vestido claro de renda com um decote profundo, revelador na medida certa, mostrando a perna direita pela abertura da saia.

Há dois homens — cujos nomes se perderam na história — sentados ao seu lado olhando para ela, enquanto Evelyn permanece virada para o palco. O da poltrona vizinha espia seu decote. O outro, sua coxa. Os dois parecem fascinados, loucos por poder ver um pouco mais.

Talvez eu esteja indo longe demais nas observações, mas essa foto me faz começar a pensar que existe um padrão: Evelyn sempre deixa as pessoas querendo ver um pouco mais. E nunca permite.

Mesmo na tão falada cena de sexo em *Três da manhã*, de 1977, em que ela se contorce toda montada em Don Adler, seus peitos aparecem inteiramente

descobertos na tela por menos de três segundos. Durante anos se comentou que as cifras altíssimas arrecadas pelo filme nas bilheterias só foram possíveis porque os casais iam ao cinema várias vezes para rever essa cena.

Como é que ela sabe exatamente o quanto deve expor e o quanto deve dissimular?

Será que isso vai mudar, agora que ela se dispôs a falar? Ou ela vai fazer comigo o que fez durante décadas com as plateias de cinema?

Será que Evelyn Hugo vai me contar apenas o suficiente para me deixar intrigada sem revelar nada de fato?